



A Hiena, a Anta e a Terapia do Caos.

Dois dias depois do inferno em forma de anta ter entrado na casa de Clara, ela se viu, mais uma vez, tomando o caminho de volta ao consultório de Dr. Pedro, o bicho preguiça psicólogo. Ou, melhor dizendo, o bicho preguiça literalmente psicólogo, aquele que mais parecia estar de mal com a humanidade do que interessado em curá-la. Dr. Pedro estava tão distante das regras da psicologia quanto um gato está distante de ser uma estrela de cinema: ele estava lá só pelo drama, sem nem se importar com os detalhes do roteiro.

Clara já sabia o que a aguardava, mas, como sempre, não tinha escolha senão seguir o tortuoso caminho. Ela se arrastou até a recepção, com a esperança de que, talvez, a vida lhe desse uma pausa. No entanto, como se fosse um carma escarrado na sua cara, lá estava ela novamente: Hellen, a hiena psicótica. Clara fez o possível para não fazer contato visual. Ela só queria a distância, a paz, a não-loucura. Mas isso era impossível com Hellen ao lado.

Hellen, com aquele sorriso que mais parecia uma ameaça de apocalipse, se levantou e, com sua voz estridente, foi direto para Clara. "Você está me ignorando? Você se sente melhor que eu e se acha superior a mim, querida?", ela gritou, como se fosse a última coisa importante no planeta. Clara sentiu o sangue ferver. Ela estava a um milímetro de um derrame de tanta estupidez em menos de trinta segundos. Não bastasse tudo o que já estava acontecendo em sua vida, ali estava Hellen, a hiena com um ego inflado o suficiente para não caber em nenhum zoológico do mundo.

"Saiba que eu tenho dois filhos muito influentes na sociedade!" Hellen continuou, completamente sem noção de que a única influência que ela tinha era em aumentar a quantidade de loucura ao seu redor. "Um é neurocirurgião dentista e o outro é gastro ortopedista! Eles são muito respeitados! Você sabe, né? Você não pode sequer imaginar o poder que eles têm! Estou imune a qualquer ataque, porque eles vão me proteger!"

Clara não sabia mais se ficava ali em silêncio, se chamava a polícia ou se começava a rir descontroladamente. Sua paciência já estava mais gasta que a última cachaça que ela havia bebido com Adriana, mas, com um esforço sobre-humano, ela manteve a compostura e simplesmente virou os olhos, com o rosto tão sem expressão quanto um quadro de pintura abstrata. O silêncio que seguiu foi quase palpável, mas, para sua sorte (ou não), Dr. Pedro a chamou antes que ela tivesse a chance de liberar todo o veneno que tinha acumulado em sua alma.

Quando Clara entrou no consultório, ela já estava com a mente cheia de frenesi. A única coisa que ela queria era sair dali sem que a insanidade dominasse de vez. Sentou-se e, antes que Dr. Pedro falasse algo, já começou a disparar suas histórias

como se tivesse uma pressão psicológica de mil toneladas nos ombros.

“Dr. Pedro,” ela começou, com uma raiva cínica por cada palavra que estava prestes a sair da sua boca. “Lembra da Adriana? A anta com TDAH e lapsos de memória? Pois é, procurei ela! Pois é, eu fui atrás dessa desgraça. Fui lá, fiz tudo o que eu podia, e adivinhe? Convidei ela para tomar um café! Um simples café, Dr. Pedro. Achei que ia ser uma experiência terapêutica! Como se, sei lá, o fato de tomar um café com uma amiga do passado fosse curar todas as loucuras da minha vida! E eu me arrependi amargamente, mais amargamente do que qualquer café expresso do inferno que eu já tenha tomado!”

Dr. Pedro, sem mover um músculo sequer, olhou para Clara com a expressão de sempre: aquele olhar de quem está vendo uma criança tentando se justificar por ter derrubado a própria casa. Ele não estava nem aí. Ele estava ali, apenas existindo no seu ritmo lento e torturante.

“Você acha que teve alguma boa razão para chamar a Adriana, Clara?”, ele perguntou com a voz arrastada, como se as palavras que saíssem da sua boca fossem feitas de mel e tédio. “Você sabe que, quando você convive com pessoas como a Adriana, sua vida vira um circo, não vira? E ainda assim, você decide se colocar nesse lugar novamente. Por que, Clara? Por que você fez isso?”

Clara, com uma mistura de raiva, sarcasmo e insanidade, começou a desfiar tudo o que aconteceu no encontro. “Então, eu fui até lá, encontrei a anta, e claro, a primeira coisa que ela fez foi começar a me dar um resumo de todos os detalhes da vida dela, como se eu tivesse algum tipo de interesse em saber onde ela comprou a calça. A mulher não parava de falar sobre o nada, de responder a perguntas que eu não fiz, de mudar de assunto toda vez que a frase começava a fazer algum sentido. Ela estava como sempre, um furacão de informações sem nenhuma sequência lógica! Ela começou a falar sobre a última vez que fomos para a balada, e de repente, falou sobre como os pombos têm a mesma cara de quem está em crise existencial. E depois olhou para mim e perguntou: 'Onde estamos mesmo?' Como se eu tivesse entrado em um universo paralelo e estivesse presa junto com ela em uma dimensão de caos!”

Dr. Pedro, com a paciência de um molusco e a agilidade de um bicho preguiça, olhou para ela com aquela indiferença e disse, quase sem se mexer: “Claro, você procurou a Adriana. Não era de se esperar outra coisa de alguém como você. Você sabe que essa busca por nostalgia é um buraco sem fundo, Clara? Como você não percebe? Isso é um ciclo vicioso de sofrimento.”

Clara não podia mais. A raiva, a confusão e a histeria estavam dominando sua mente. “Sim, sim! Claro, claro! Mas sabe o que é o pior? Quando finalmente fui embora, depois de ouvir toda aquela baboseira, me senti mais perdida do que quando comecei a terapia com você, Dr. Pedro. Eu realmente pensei que a gente tinha uma amizade real, mas não, a Adriana me fez perceber que não passamos de dois desastres existenciais esperando que o próximo desastre aconteça. Eu estava tentando entender onde tudo deu errado, e adivinhe, o único lugar que encontrei foi dentro de uma xícara de café, com a Adriana falando sobre pombos e calças e achando que a vida estava muito boa!”

Dr. Pedro, com um suspiro quase audível, decidiu ampliar a crueldade. “Sabe, Clara, você gosta de manter essas relações porque, no fundo, você quer mais caos. Você não quer a paz, você quer o drama. E você, com toda a sua inteligência, me vem com a história de 'vou tomar café com a Adriana'. Vamos ser francos, Clara. Você quer estar no centro do redemoinho, porque é lá que você se sente confortável. Toda essa busca por normalidade, por 'resolver' coisas, é só uma desculpa para não admitir o óbvio:

“você se alimenta da loucura.”

Clara, agora completamente exaurida, se recostou na cadeira, com a sensação de estar afundando mais a cada palavra. Mas, ao mesmo tempo, algo nela se acendeu. Ela sentiu, de alguma forma, que Dr. Pedro estava certo. E isso a irritava mais do que qualquer outra coisa. Ela se odiava por estar tão vulnerável a essa verdade crua.

“Então, você está dizendo que eu sou viciada em caos? Que não posso viver sem isso? E que toda vez que tento sair desse buraco, estou cavando ainda mais fundo?” Clara perguntou, com um sorriso irônico nos lábios, tentando esconder a humilhação. “Bem, parabéns, Dr. Pedro. Você fez uma ótima leitura. Agora, me diz: o que eu faço? Porque, aparentemente, estou completamente perdida e você não parece nem um pouco interessado em me ajudar a encontrar uma saída.”

Dr. Pedro, com a calma de quem está falando sobre o tempo, respondeu: “Você já sabe a resposta, Clara. Não tem saída. Você se enfiou nisso por escolha própria, e agora está colhendo o que plantou. O resto é só uma história de desculpas e mais desculpas. Agora, se me der licença, minha paciência já atingiu o limite. Vá viver seu caos, porque, no fim, você vai voltar para ele, mais cedo ou mais tarde.”

Clara se levantou, mais uma vez arrasada, e saiu do consultório. Mas, no fundo, ela sabia que Dr. Pedro tinha razão. O caos, como sempre, a chamava de volta. E, no fim das contas, ela estava presa ali, sem saber se um dia conseguiria escapar.